

INSTITUTO
 Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte: DESP
 Data: 7/5/2000 Pg A19-20
 Class.: 54

VER ATUAL!

DOMINGO, 7 DE MAIO DE 2000

GERAL

O ESTADO DE S. PAULO - A19

ARQUEOLOGIA

Expedição tenta encontrar múmias amazônicas

Joedson Alves/AE

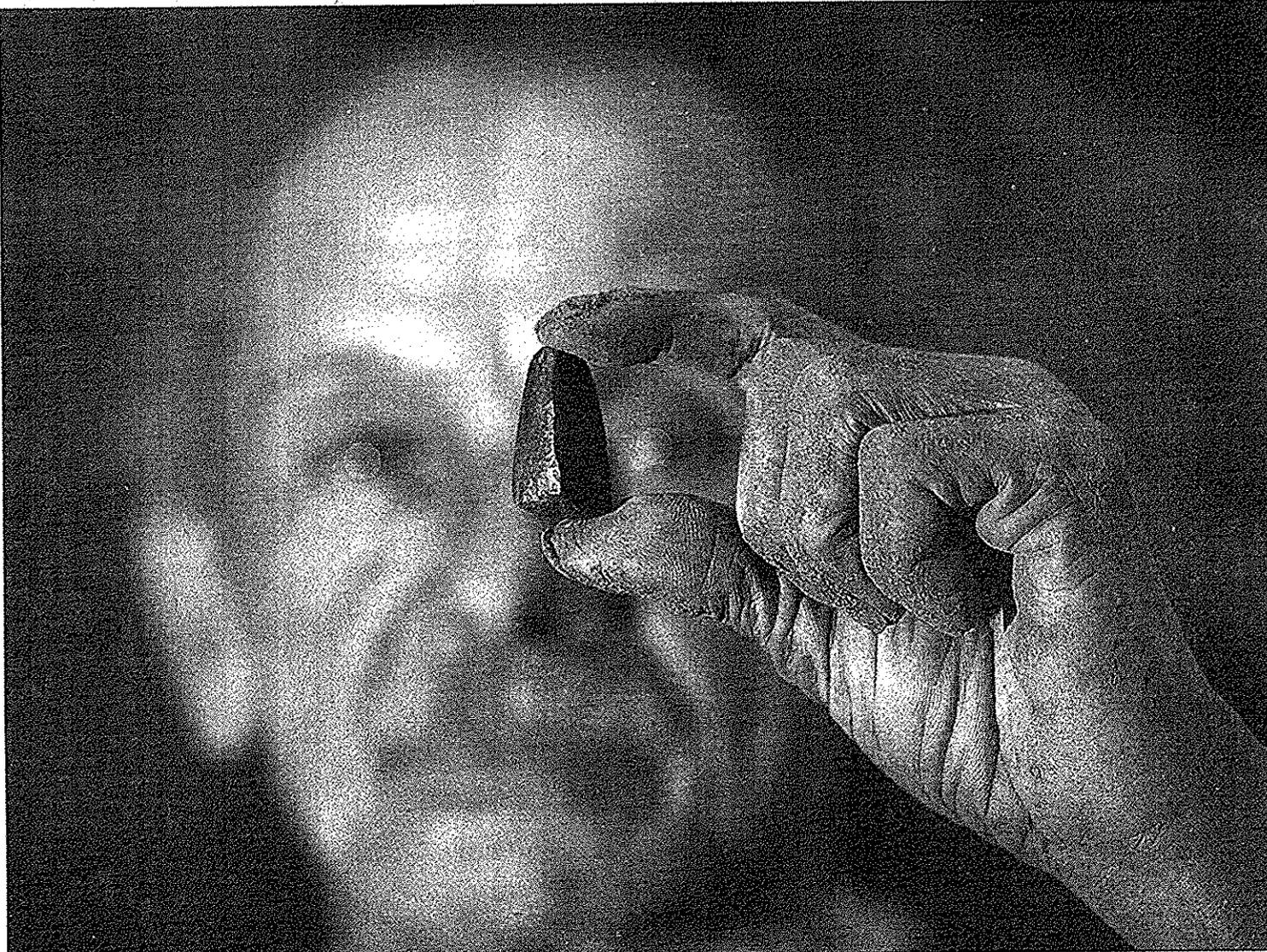
Cientistas procuram corpos depositados em urnas funerárias há milhares de anos

EDSON LUIZ
 Enviado Especial

MANAUZ – Um grupo de cientistas vai tentar esclarecer, até o fim do mês, um mistério que está intrigando a população da floresta amazônica. Uma expedição vai procurar 40 múmias depositadas em urnas mortuárias há alguns milhares de anos. Se comprovada a existência das peças pré-históricas, os estudiosos não só terão um tesouro arqueológico nas mãos, como também poderão decifrar os enigmas da ocupação da região. Duas tumbas já haviam sido localizadas na região, mas desapareceram.

Ninguém sabe exatamente de onde surgiram as informações sobre a existência de 40 múmias. Mas, em várias partes da floresta, caboclos, índios e agricultores sabem que existe muita coisa inexplorada em uma grande área situada a 270 quilômetros de Manaus. “Muita gente por aqui conta histórias sobre a existência de urnas”, confirma o agricultor Raimundo Soares de Souza, de 69 anos.

Ele conta que um de seus vizinhos chegou a localizar duas urnas, num sítio próximo ao que os estudiosos vão explorar. “Mas, pouco depois, ele voltou ao lugar onde elas estavam e



Raimundo Soares de Souza com a ponta de flecha de pedra de ferro, a peça preferida do acervo reunido pelo agricultor

SÍTIO FICA
 A 270
 QUILOMETROS
 DE MANAUS

não as encontrou mais”, diz Souza. “Quando ele as viu pela primeira vez, elas estavam parcialmente enterradas num lugar de terra argilosa.”

O geólogo Frederico Cruz,

secretário de Turismo de Presidente Figueiredo, uma cidade praticamente construída em sítios arqueológicos, confirma as informações, mas prefere não indicar a localização exata das supostas urnas até que sua existência seja confirmada. Porém, ele conhece detalhes que os próprios arqueólogos não sabiam. “O processo a que os corpos estariam

secretário de Turismo de Presidente Figueiredo, uma cidade praticamente construída em sítios arqueológicos, confirma as informações, mas prefere não indicar a localização exata das supostas urnas até que sua existência seja confirmada. Porém, ele conhece detalhes que os próprios arqueólogos não sabiam. “O processo a que os corpos estariam

secretário de Turismo de Presidente Figueiredo, uma cidade praticamente construída em sítios arqueológicos, confirma as informações, mas prefere não indicar a localização exata das supostas urnas até que sua existência seja confirmada. Porém, ele conhece detalhes que os próprios arqueólogos não sabiam. “O processo a que os corpos estariam

secretário de Turismo de Presidente Figueiredo, uma cidade praticamente construída em sítios arqueológicos, confirma as informações, mas prefere não indicar a localização exata das supostas urnas até que sua existência seja confirmada. Porém, ele conhece detalhes que os próprios arqueólogos não sabiam. “O processo a que os corpos estariam

secretário de Turismo de Presidente Figueiredo, uma cidade praticamente construída em sítios arqueológicos, confirma as informações, mas prefere não indicar a localização exata das supostas urnas até que sua existência seja confirmada. Porém, ele conhece detalhes que os próprios arqueólogos não sabiam. “O processo a que os corpos estariam

secretário de Turismo de Presidente Figueiredo, uma cidade praticamente construída em sítios arqueológicos, confirma as informações, mas prefere não indicar a localização exata das supostas urnas até que sua existência seja confirmada. Porém, ele conhece detalhes que os próprios arqueólogos não sabiam. “O processo a que os corpos estariam

secretário de Turismo de Presidente Figueiredo, uma cidade praticamente construída em sítios arqueológicos, confirma as informações, mas prefere não indicar a localização exata das supostas urnas até que sua existência seja confirmada. Porém, ele conhece detalhes que os próprios arqueólogos não sabiam. “O processo a que os corpos estariam

secretário de Turismo de Presidente Figueiredo, uma cidade praticamente construída em sítios arqueológicos, confirma as informações, mas prefere não indicar a localização exata das supostas urnas até que sua existência seja confirmada. Porém, ele conhece detalhes que os próprios arqueólogos não sabiam. “O processo a que os corpos estariam

secretário de Turismo de Presidente Figueiredo, uma cidade praticamente construída em sítios arqueológicos, confirma as informações, mas prefere não indicar a localização exata das supostas urnas até que sua existência seja confirmada. Porém, ele conhece detalhes que os próprios arqueólogos não sabiam. “O processo a que os corpos estariam

secretário de Turismo de Presidente Figueiredo, uma cidade praticamente construída em sítios arqueológicos, confirma as informações, mas prefere não indicar a localização exata das supostas urnas até que sua existência seja confirmada. Porém, ele conhece detalhes que os próprios arqueólogos não sabiam. “O processo a que os corpos estariam

secretário de Turismo de Presidente Figueiredo, uma cidade praticamente construída em sítios arqueológicos, confirma as informações, mas prefere não indicar a localização exata das supostas urnas até que sua existência seja confirmada. Porém, ele conhece detalhes que os próprios arqueólogos não sabiam. “O processo a que os corpos estariam

secretário de Turismo de Presidente Figueiredo, uma cidade praticamente construída em sítios arqueológicos, confirma as informações, mas prefere não indicar a localização exata das supostas urnas até que sua existência seja confirmada. Porém, ele conhece detalhes que os próprios arqueólogos não sabiam. “O processo a que os corpos estariam

secretário de Turismo de Presidente Figueiredo, uma cidade praticamente construída em sítios arqueológicos, confirma as informações, mas prefere não indicar a localização exata das supostas urnas até que sua existência seja confirmada. Porém, ele conhece detalhes que os próprios arqueólogos não sabiam. “O processo a que os corpos estariam

ARQUEOLOGIA

Na Amazônia, um povo que teme o passado

Fotos: Joedson Alves/AE

Comunidade tem medo de que presença de peças pré-históricas leve à perda de terras

EDSON LUIZ
Enviado especial

MANAUAS - Quando retornava de uma caçada pela floresta há uns dois anos, Isaltino Soares Rodrigues encontrou algumas elevações de terra onde, provavelmente, haveria algumas tumbas antigas. A partir desse momento, não teve sossego e decidiu esquecer o assunto. Como ele, dezenas de moradores da localidade de Jardim da Floresta, na selva amazônica, abandonaram o hábito de recolher pequenos cacos de cerâmica, pedras e até ossos, depois de saberem que eram peças pré-históricas. Por superstição ou medo de perder suas terras, o povo passou a ter medo do passado.

"Isso se tornou um assunto proibido por aqui", diz Raimundo Soares de Souza, presidente da comunidade. Segundo ele, os moradores temem que, ao saberem da existência de material pré-histórico, o governo tome suas terras ou abra as áreas para pesquisa, proibindo as plantações - principalmente de mandioca e banana, as principais culturas da região. "Quando se fala sobre isso, todos desconversam."

Raimundo Souza, um acreano de 69 anos, pai de 22 filhos - o mais novo com 3 anos e o mais velho com 49 -, vive na região há mais de quatro décadas e somente agora começou a ouvir falar em arqueologia, pré-história e sítios. Até então, ele dava pouca importância aos pedaços de cerâmica que achava durante o cultivo do roçado de mandioca. Hoje, porém, coleciona cacos e pedras, provavelmente da época da chegada do homem à Amazônia.

Em seu acervo, que se recusa a vender, Raimundo tem algumas peças desconhecidas por arqueólogos. Uma pedra de ferro em forma de ponta de lança é sua predileta. Ele diz que a achou perto do igarapé em sua propriedade. Mas a peça que lhe dá maior orgulho, quando mostra a um visitante, é a machadinha feita com uma estranha pedra branca. "A peça em ferro e a machadinha merecem um estudo mais aprofundado", observa o arqueólogo Marco Antônio Lima.

Segredos - Raimundo é vizinho e freqüentador da mesma igreja da Assembléia de Deus de Isaltino Rodrigues, mas nunca convenceu o amigo a dizer onde estavam as duas tumbas encontradas há dois anos. "Outro dia te mostro onde elas estão", diz Isaltino, sempre desconversando. "Agora estou muito atarefado."

Outros vizinhos não acham que ele esteja mentindo, já que é um dos moradores mais respeitados no pequeno povoado e, quando fez sua descoberta, estava acompanhado de outras duas pessoas, que também não falam sobre o assunto. Próximo de onde Isaltino disse que estavam as tumbas, Raimundo chegou a encontrar várias peças antigas.

"Sou analfabeto, mas tento colocar na cabeça dessa gente que, mesmo existindo essas coisas por aqui (os sítios arqueológicos), não vamos perder nossas terras", diz Raimundo, que só com muita insistência conseguiu convencer seu genro, Jaime Farias, de 30 anos, a levá-lo ao local onde fez uma estranha descoberta, durante uma caçada. Farias localizou um buraco com cerca de 6 metros de profundidade e 10 de largura.

"Nunca ouvimos falar sobre isso", diz o arqueólogo Marco Antônio Lima, referindo-se ao buraco. Farias concordou em ir ao local com a reportagem do Estado, desde que sua localização não fosse revelada. "Temos medo que as pessoas cheguem aqui", justifica o caçador. Para se chegar ao



A Gruta do Batismo, a 220 quilômetros de Manaus, cujas paredes exibem pinturas pré-históricas, com imagens de pessoas e animais

buraco, é necessário percorrer a floresta a pé, atravessando vários igarapés.

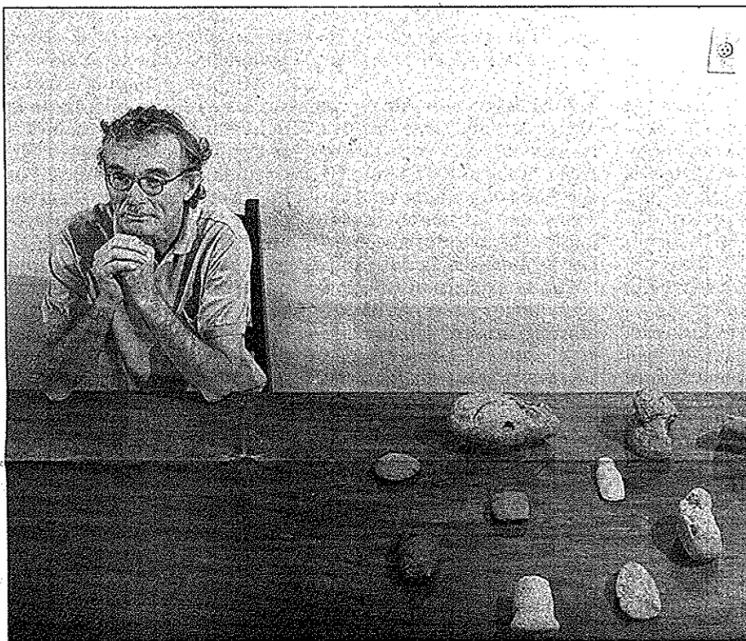
Pela avaliação de Jaime Farias, o buraco pode ter sido aberto pela queda de um meteoro, mas aparentemente foi feito por várias pessoas. Quando se está dentro dele, a impressão que se tem é que é redondo, mas, de cima, a aparência é quadrada com uma espécie de rampa do lado direito, onde poderia ter havido uma escada. "Quando o encontrei, o buraco era mais fundo, mas com o tempo ele está fechando", observa Farias. "É preciso ver o que tem no fundo da cratera."

Gravuras - Outro mistério na floresta é uma gruta onde foram encontradas diversas pinturas rupestres, provavelmente feitas por povos que só passaram pela Amazônia. São imagens de pessoas, figuras geométricas e desenhos assemelhados a animais. "Pela análise que fizemos,

as pinturas podem ser de povos horticultores que passaram por aqui", diz o arqueólogo Marcus Vinícius de Miranda Corrêa, que esteve pesquisando as imagens. Miranda afirma que, pelo estado das pinturas, elas devem ter em torno de mil anos, mas a gruta onde foram feitas tem cerca de 20 milhões de anos e foi formada pela transformação do mar em terra firme, durante o surgimento da Cordilheira dos Andes. Para se chegar ao local - que os arqueólogos preferem não revelar com exatidão para preservá-lo -, é preciso descer uma grande ladeira no meio da floresta e atravessar uma cachoeira, num dos cenários mais bonitos da Amazônia.

"As pinturas estão associadas a obras encontradas na Venezuela, Guiana, Suriname e em outros países do norte da América do Sul e Antilhas", afirma Marcus Vinícius Miranda. "Essa gruta é a única no Amazonas." De acordo com ele, os povos que fizeram as pinturas podiam ser caçadores. No grupo, havia uma mulher grávida, representada por um desenho com um círculo no centro do corpo. As figuras geométricas, diz o arqueólogo, podem ser armas, armadilhas ou forma de contatos com outros povos.

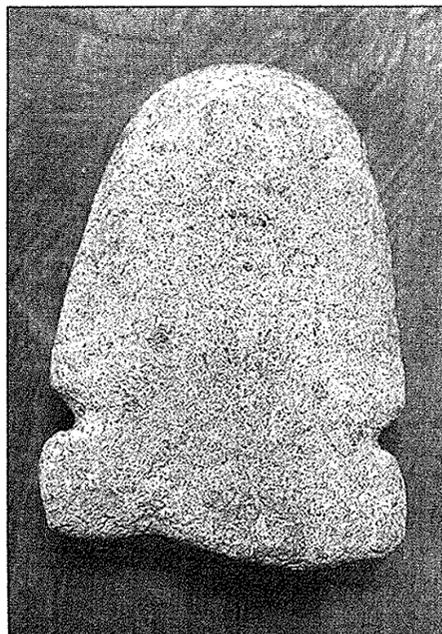
Os sítios arqueológicos não estão sendo mantidos em segredo apenas por medo dos agricultores, mas também para evitar uma grande especulação na área. A menos de 200 metros da gruta onde se localizam as pinturas rupestres, já existem grandes derrubadas de árvores, o que vai apressar o processo de deterioração dos sítios.



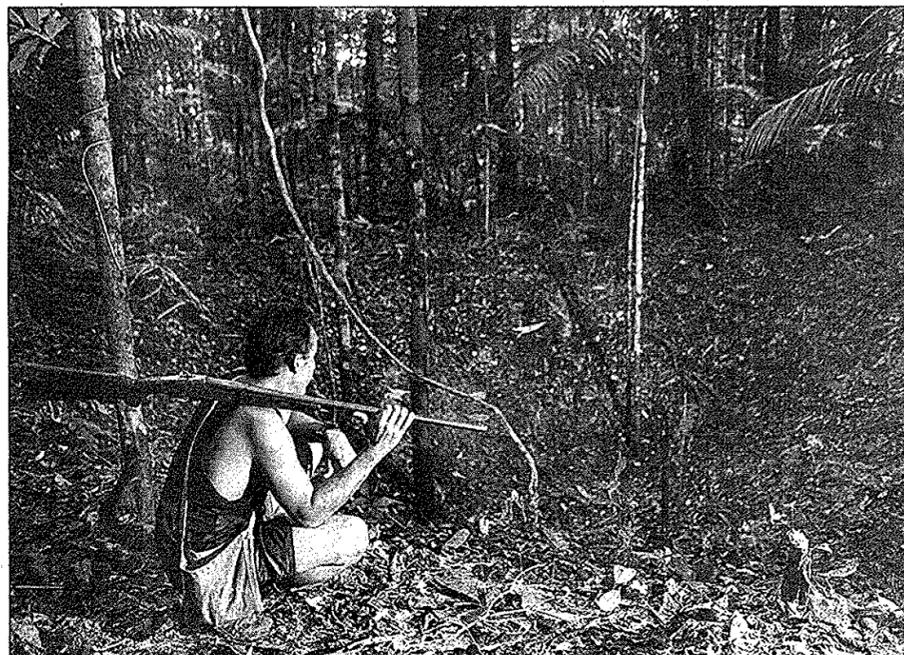
O padre Egidio Schwade também ouviu as histórias sobre as múmias amazônicas, mas nunca teve provas concretas de sua existência: "Temos de verificar essas informações"



Uma das peças de cerâmica pré-histórica descobertas por Souza em seus passeios pela mata acompanhado por seu cachorro, Marlon Brando



A machadinha encontrada por Souza: raridade



Jaime Farias e o misterioso buraco que, dizem, é resultado da queda de um meteoro na selva

Para cientista, esconder sítios preserva a região

Segundo Edith Pereira, é preciso educar a população sobre patrimônio local

MANAUAS - Para a arqueóloga Edith Pereira, do Museu Emílio Goeldi, a atitude dos agricultores de esconder os sítios pode ser benéfica. "É uma forma de preservação", diz ela, explicando que somente no Amazonas é que as pesquisas estão em fase inicial, ao contrário dos demais Estados da região, onde já foram feitas diversas descobertas importantes.

Enquanto no restante do País as estimativas de estudos indicam a existência de um sítio por quilômetro quadrado, na Amazônia esse índice triplica. Somente nas imediações da Hidrelétrica de Balbina existem 159 sítios identificados, 30% dos quais foram destruídos pelas águas da represa.

Apesar do grande potencial arqueológico, que poderá revelar novos fatos sobre a ocupação da Amazônia, poucos sítios estão em fase de exploração. "Estamos fazendo um convênio com a Universidade de São Paulo (USP), a qual desenvolverá aqui o projeto Amazônia Central, que irá pesquisar essas áreas", afirma o arqueólogo Marco Antônio Lima da Silva.

Outra iniciativa é tentar educar a população sobre a necessidade de preservar o patrimônio histórico. "Fatos como os que vemos aqui, de pessoas temerosas por causa de suas descobertas, serão esclarecidos", afirma Lima. Uma das intenções é realizar palestras explicando que as peças encontradas não podem ser vendidas e pertencem não só a elas, mas também ao País. (E.L.)

Ex-seringueiro é colecionador de peças antigas

Raimundo Soares de Souza procura objetos na companhia do amigo Marlon Brando

MANAUAS - Raimundo Soares de Souza é hoje uma das pessoas que mais coleciona peças antigas no povoado de Jardim Floresta, um vilarejo de poucas casas, onde vivem ex-seringueiros transformados hoje em pequenos agricultores. A maior parte das descobertas foi feita com Marlon Brando, seu companheiro de caçadas.

Marlon Brando é o responsável por identificar algumas das peças, como ossos antigos ou mesmo objetos diferentes dos cacos de cerâmica. Intranquilo quando avista algo suspeito, Brando logo avisa o amigo de que há algo estranho sob ou sobre a terra.

Raimundo cava com um pedaço de pau, tentando não destruir nada que possa parecer um sítio arqueológico. Apesar de analfabeto, o agricultor possui uma visão não só da importância das descobertas, mas também da necessidade de preservá-las. "Sei que muita história está enterrada por aqui", diz o ex-seringueiro, que passou 40 anos pela selva, recolhendo a goma da árvore que fornece a borracha e aprendendo os segredos da floresta.

Foi numa das andanças pela mata, em companhia de Marlon Brando, que Raimundo achou um pequeno pedaço de cerâmica com alguma inscrição ou desenho. Hoje, a peça está desgastada pelo tempo, mas quando foi localizada encontrava-se em perfeitas condições.

Até mesmo um pedaço de pão que já tinha virado pedra o agricultor encontrou. E graças a Marlon Brando. "Ele é demais", elogia o agricultor, ao se referir a seu cão de estimação com nome de artista. (E.L.)